

VAMOS BRINCAR NA “ESCOLINHA”? INSERINDO ATIVIDADES DE JOGOS E BRINCADEIRAS EM ESCOLAS DE ENSINO INFANTIL¹

Recebido em: 05/09/2015

Aceito em: 13/01/2016

*Rute Estanislava Tolocka*²

*Mateus Aparecido Stahl*³

*Camila Bruzasco de Oliveira*⁴

*Barbara Detoni Borba Blanco*⁵

*Marina Donato Crepaldi*⁶

Universidade Metodista de Piracicaba
Piracicaba – SP – Brasil

*Vitor Antonio Cerignoni Coelho*⁷

Universidade Federal do Tocantins
Palmas – TO – Brasil

RESUMO: Possibilidades de brincar são escassas na escola, por isto este estudo apresenta um programa realizado em cidade de São Paulo, com 54 professores e aproximadamente 300 crianças de escolas infantis municipais, que incluiu aulas teóricas e práticas, debates, um evento e exposição de painéis. Todas as atividades foram registradas. Verificou-se que as rotinas de tais instituições são rígidas e sem tempo para brincar, mesmo sendo reconhecida a importância do brincar para a criança. Foram oferecidas às crianças oportunidades para brincar com seus pares na classe. No evento, crianças de diferentes idades puderam brincar juntas. O estudo mostrou que há possibilidade de mudar a situação nas escolas infantis aumentando oportunidades para as crianças brincarem.

¹ Agradecemos a CAPES e ao FAE pelo financiamento do estudo.

² Profª. Dra. no curso de Pós Graduação Mestrado e Doutorado em Ciências do Movimento Humano da Faculdade de Ciências de Saúde da Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP. Coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Movimento Humano - NUPEM / UNIMEP.

³ Licenciado em Educação Física pela Universidade Metodista de Piracicaba. Técnico de Atletismo Paralímpico pelo Comitê Paralímpico Brasileiro. Membro do Núcleo de Pesquisa em Movimento Humano - NUPEM / UNIMEP.

⁴ Graduação e Mestrado em Educação Física pela Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP. Professora da rede municipal de ensino de Piracicaba.

⁵ Graduação e Mestrado em Educação Física pela Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP. Professora da rede municipal de ensino de Piracicaba.

⁶ Graduação e Mestrado em Educação Física pela Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP. Professora da rede municipal de ensino de Rio Claro.

⁷ Professor da Universidade Federal do Tocantins - UFT e Doutorando em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP. Membro do Núcleo de Pesquisa em Movimento Humano - NUPEM / UNIMEP.

PALAVRAS CHAVE: Criança. Jogos e Brinquedos. Atividades de Lazer.

**LET'S PLAY IN KINDERGARTEN? INSERTING GAMES AND PLAY
ACTIVITIES IN CHILDREN'S SCHOOLS**

ABSTRACT: Opportunities to play are rarely in the school, so this study presents a program that was done in a city of Sao Paulo, with 54 teachers and around 300 children from public Early Schools. The program included theoretical and practical class, discussions, an event and panel expositions. All activities were registered. It was verified that routines of such institutions are rigid and without time to play, although it is recognized to play is important to the children. I was offered to children opportunities to play with their peers in the class. In the event, children from different ages could play together. The study showed there are possibilities to change the situation in early schools increasing children's opportunities to play.

KEYWORDS: Child. Play and Playthings. Leisure Activities.

Introdução

A natureza lúdica do homem já era defendida por Huizinga, como uma característica de livre escolha e da busca de satisfação que poderia estar no jogo, quando existe relação de cordialidade entre os jogadores que lhes permite rir e conversar. (HUIZINGA, 1938). O caráter desinteressado que o lúdico tem no jogo é questionável (GOMES, 2004) e ainda não se tem consenso sobre o conceito de lúdico, como mostram Pimentel e Pimentel (2009), porém há consenso que o lúdico relaciona-se com o brincar e que brincar é importante para a criança.

Tanto é assim que brincar é direito da criança, reconhecido desde a Assembleia das Nações Unidas de 1959, na Declaração dos Direitos da Criança, que em seu Princípio 7 explicita: “[...] A criança terá ampla oportunidade para brincar e divertir-se, visando os propósitos mesmos da sua educação [...] (ONU, 1959). Este direito é reiterado no artigo 31 da Convenção sobre os Direitos da Criança (UNICEF, 1989), que afirma: “[...] Os Estados Partes reconhecem o direito da criança ao descanso e ao lazer,

ao divertimento e às atividades recreativas próprias da idade, bem como à livre participação na vida cultural e artística”.

Além de signatário destas declarações, o Brasil referenda este direito também através da lei 8069 (Estatuto da Criança e do Adolescente) que no artigo 16, do direito à liberdade, insere “brincar, praticar esportes e divertir-se (parágrafo IV).

Para Benjamin (1984) o brinquedo e o jogo fazem fluir o imaginário infantil, fornecem representações manipuláveis, significam e traduzem um universo que será fonte da brincadeira estimulando-a e favorecendo o exercício de diferentes papéis, conforme a curiosidade, o interesse e os aspectos ambientais que fazem parte da vida da criança.

Para Pasdiora e Hort (2006) as brincadeiras propiciam o vivenciar do lúdico e fazem parte da vida de criança, de forma natural trazendo estímulos de importantes capacidades como a criatividade, atenção, imitação, memorização, imaginação, autonomia e socialização.

Nas brincadeiras a criança vivencia situações de tensão e alegria, ajustando-se às regras livremente consentidas, o que mostra que o ser humano não para de brincar, cresce com suas brincadeiras que evoluem para jogos. Estas regras são muito importantes porque determinam o que vale ou não, colocam em prova qualidades físicas e morais e implicam em punição caso desobedecidas, fazendo com que o jogo tenha papel importante na formação de valores morais (HUIZINGA, 1938).

Como afirmou Brougère (1997) tornar a brincadeira um suporte pedagógico é seguir a natureza humana. Construir o brinquedo traz prazer e promove a criatividade, propicia relações interpessoais e oportuniza a manifestação de recursos pessoais e esta construção pode ocorrer dentro da escola (SAI; DE MARCO, 2008). Um programa com

jogos e brincadeiras na escola infantil pode contribuir para o bem estar da criança, permitindo-lhe a vivência de diferentes papéis sociais, formação de vínculos sociais, desempenho de habilidades motoras e de diferentes demandas pessoais que facilitam a interação com o meio ambiente (BROLLO; TOLOCKA, 2010).

No entanto, estudos mostram que com a mudança social ocorrida nas últimas décadas (migração em massa do campo para a cidade, diminuição do tamanho das moradias e do número de membros da família, aumento da violência urbana e consequente diminuição de possibilidades de brincar em praças, ruas ou casa de vizinhos) foram diminuídas as possibilidades de brincar da criança (GIMENEZ, UGRINOWITSCH, 2002; SILVA, TOLOCKA, MARCELINO, 2006; PRODÓCIMO, NAVARRO, 2008).

Embora o direito a brincar esteja ligado de certa forma à educação, desde a declaração dos direitos da criança (ONU, 1959), Kishimoto (1999) e Cooney (2004) evidenciaram que dificuldades encontradas pelos professores, como o excessivo número de crianças em cada classe, poucos recursos disponíveis e principalmente a falta de desenvolvimento profissional que enfoque a brincadeira, impedem a utilização deste como recurso pedagógico.

Kishimoto (2001a) e Kishimoto (2001b) verificaram que muitas destas instituições restringem as possibilidades da criança em se movimentar e desrespeitam seu direito inalienável a brincar. Isto reduz as possibilidades de desenvolvimento da criatividade e da autonomia por parte da criança e fere os direitos da criança à recreação e as amplas oportunidades para brincar. Estudos de Biscegli *et al.* (2007), Bógus *et al.* (2007), Tolocka *et al.* (2009) e Faria *et al.* (2010) também apontaram a restrição ao brincar na escola infantil.

Esta situação se complica ainda mais porque tende a aumentar o número de crianças que terão desrespeitado o seu direito a brincar, já que na escola as oportunidades para brincar são poucas e o número de crianças indo para a escola cada vez mais cedo esta aumentando.

Este aumento tem ocorrido tanto por procura espontânea, quanto pelas mudanças legais que tornaram o ensino infantil obrigatório para crianças com quatro anos de idade e que o Plano Nacional da Educação (BRASIL, 2010) prevê que o atendimento às crianças desta faixa etária deve ser expandido abrangendo 100% das crianças de quatro a seis anos até 2016 e 50% das daquelas com no máximo três anos até 2020 e que a permanência destas crianças na escola varia entre quatro e dez horas (FARIA *et al.* 2010).

Ou seja, na escola e fora dela, o direito a brincar que a criança tem, esta sendo desrespeitado já há bastante tempo. Cabe a sociedade e as autoridades públicas empenharem-se em promover o gozo do direito ao brincar conforme principio 7 da Declaração de Direitos Humanos (ONU, 1959), o Estado deve gerar “[...] oportunidades adequadas para que a criança, em condições de igualdade, participe plenamente da vida cultural, artística, recreativa e de lazer” de acordo com o artigo 31, paragrafo 2 do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 1989).

Assim, ações que possam reverter o desrespeito ao direito de brincar da criança, precisam ser realizadas, o que torna a escola um espaço onde o diálogo sobre as possibilidades de brincar precisa ocorrer.

Para tanto, este estudo teve como objetivo propor a inclusão de jogos e brincadeiras em instituições de ensino infantil ligadas a rede municipal de ensino, de

uma cidade do interior de São Paulo, discutindo com professores do ensino infantil a possibilidade de aumentar a oferta de oportunidades para brincar na escola.

Procedimentos Investigativos

Trata-se de um estudo de campo (MARCONI: LAKATOS, 2002), realizado em uma cidade polo no interior de São Paulo, que possui aproximadamente 360 mil habitantes, mais de 8 mil alunos matriculados na pré escola e com PIB *per capita* em 2011 de aproximadamente 30 mil reais (IBGE, 2012). O estudo tem caráter qualitativo e pode ser classificado como uma pesquisa-ação valorizando a construção cognitiva do conhecimento, através da reflexão crítica coletiva (TRIPP, 2005).

O programa foi realizado em parceria entre uma universidade e a secretaria de educação do município, que enviou convite a todos os professores do ensino infantil. Os interessados se inscreveram para um sorteio que selecionou 54 profissionais proporcionalmente dentre as cinco regiões da cidade., os quais serão doravante considerados como professores, pois todos estavam a frente da sala de aula com as crianças, independente de sua formação profissional. Participaram do estudo aproximadamente 300 crianças, entre 04 meses e cinco anos, sendo 150 em diferentes salas de aula e 150 em dado evento.

Métodos

Foi feita uma reunião entre os pesquisadores e os sorteados, para o detalhamento da execução do estudo, bem como sobre a participação dos interessados, onde foi lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram feitas reuniões com os pais e ou responsáveis pelas crianças, na própria escola, para esclarecimento do projeto

e obtenção do TCLE. O Projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa de uma universidade na cidade e autorizado pela Secretaria Municipal de Educação.

O programa teve 12 sessões teóricas e ou práticas, distribuídas ao longo de um semestre letivo, com encontros semanais de três horas de duração além de atividades de leituras, perfazendo 60 horas de atividades. Os temas foram elaborados a partir de um questionário respondido pelas professoras, que indagava sobre experiências profissionais anteriores, uso de jogos e brincadeiras e rotina com as crianças.

No sexto encontro foi realizado um debate sobre as atividades realizadas na escola, a partir de informações sobre a rotina na escola obtidas através de um questionário preenchido no segundo encontro e apresentação de dados coletados em escolas da região e outros locais nos estudos de Biscegli *et al*, (2007), Bógus *et al*, (2007), Tolocka *et al*, (2009) e Faria *et al*, (2010), além de dados referentes a um questionário feito com os pais das crianças participantes deste estudo, sobre as atividades que elas realizavam fora da escola (OLIVEIRA, 2014).

Além das atividades práticas oferecidas no programa, realizadas após as sessões teóricas apenas com as professoras, foi realizada também uma oficina de brinquedos alternativos, que ocorreu no terceiro encontro e atividades práticas de jogos e brincadeiras em alguma das salas de aula regidas por professoras participantes do estudo (no sétimo, oitavo e nono encontro), em classes que tinham em media 13 crianças (sendo a maior participação 19 crianças e a menor quatro crianças), atendendo-se cerca de 150 crianças.

Foi também realizado um evento, no décimo encontro, que aconteceu, em dois períodos (manhã e tarde) em uma das escola atendidas pelo programa com aproximadamente 75 crianças em cada período, distribuídas em grupos com cerca de

15 crianças, montados aleatoriamente no início do evento, com crianças entre três e seis anos e um grupo de 20 crianças com menos de três anos de idade.

Após a realização do evento foi realizada uma avaliação sobre o mesmo, discutindo-se a adequação destas atividades e foi proposto as profissionais que inserissem em suas aulas atividades de jogos e brincadeiras e as registrassem com fotos e ou textos, para apresentação ao grupo, na forma de painéis. Após duas semanas foi realizado o último encontro no qual foram apresentados os painéis elaborados pelas professoras e após a exibição dos mesmos foi realizado um debate. Foram analisadas todas as atividades referenciadas em cada um dos painéis, bem como textos neles expostos.

Os encontros foram registrados em diários de campo, feitos de acordo com sugestões de Minayo (2010) no qual se inseriam dados como local, data, hora, quantidade de participantes, objetivo da atividade, atividades realizadas, materiais utilizados, níveis de participação, papéis sociais vivenciados, dentre outros e gravados com uso de câmeras filmadoras. As imagens foram capturadas utilizando-se placa *Pinnacle Movie Box USB* e foram convertidas em arquivos digitais no formato *avi*, editadas por meio do programa *Pinnacle Studio 9*, que permitia a visualização quadro a quadro em diferentes velocidades e em seguida foram armazenadas em discos rígidos do computador.

Resultados

A maioria dos encontros ocorreu em dois períodos distintos: manhã e tarde, sendo que o primeiro e o último encontro foram realizados com todos os professores juntos, dentro de uma universidade. Os outros encontros ocorreram ou em um espaço

cedido pela prefeitura local, apenas com os professores, ou em espaços escolhidos pelos professores participantes do estudo, dentro de sua própria escola, em período contrário ao que davam aula, mas com crianças que eram seus alunos.

Durante o programa foram oferecidos subsídios teóricos sobre a relação brincar e educar, brincar como meio e como fim em si mesmo, brincar e desenvolvimento infantil, além de atividades práticas. Os professores levantaram questões sobre jogos e equipamentos, ensino de valores morais e regras sociais através de jogos e brincadeiras.

As atividades práticas foram realizadas por faixa etária, conforme a distribuição das classes na escola e foram desenhadas para ofertar possibilidades de escolhas e reflexões entre as crianças. Estas ocorreram em três diferentes maneiras: a) cada professora trazia sugestões de acordo com o que ela oportunizava para as crianças de sua sala de aula brincar; b- pesquisadores e professores elaboraram e executaram jogos e brincadeiras com as crianças de alguns salas de aula, à escolha do grupo, na própria escola, c- pesquisadores e professores elaboraram um evento, em uma escola, envolvendo todas as outras classes e professores desta escola, bem como todos as crianças nelas inseridas.

Entre Oferecer Oportunidades de Brincar e Cumprir Rotinas Pré-Estabelecidas

No debate sobre oportunidades para brincar na escola as professoras denotaram concepção utilitarista do brincar, apontando que através de brincadeiras as crianças podem aprender conteúdos pedagógicos e ressaltaram que através de brincadeiras pode-se ter a criação de regras em conjunto com as crianças, favorecendo a cooperação entre elas e o compartilhar de brinquedos. Não houve menção sobre o brincar como um fim

em si mesmo, nem como necessidade da criança, o que só ocorreu após exposição sobre o tema, seguida de leitura de literatura especializada, em outros encontros.

Refletindo nas poucas oportunidades oferecidas às crianças para brincar na escola, as professoras se justificaram na falta de tempo, causada por rotinas imposta por órgãos superiores e que exigem muito tempo em atividades de higiene, alimentação e cuidado. As falas sobre rotina foram ambíguas, oscilavam entre benefícios e ponderações sobre prejuízos que as mesmas trazem, como pode ser visto, por exemplo, nas seguintes falas:

Professora 1 (P1) - “A rotina é boa, pois é possível, nesta fase, mostrar as regras de convivência e socialização”... mas “Um ponto negativo para as crianças é o excesso de rotina em todos os momentos”.

P2 - “A rotina as vezes atrapalha e as vezes ajuda, eu trabalho com maternal e se eu não fizer fila e deixar eles livres, eles dispersam e saem todos para o parque”.

P4 - “Acho que a rotina acontece muito na creche também porque tudo tem horário, a gente tem horário do leite e é aquele ali”... mas “é possível fazer da fila uma brincadeira também”.

P30 - “[...] Então um professor do jardim, quando ele se vê tendo que dar banho, tendo que fazer os projetos, tendo que fazer a parte do conteúdo, ele não consegue sair da sala para brincar”.

De um lado, as professoras consideram que existe excesso de rotina e que isto compromete o desenvolvimento da capacidade de fazer juízo das crianças, de realizar escolhas, podendo condicionar a criança a agir de um determinado modo, limitando sua livre expressão. De outro lado, acreditam que a rotina pode auxiliar no andamento das atividades que devem ser cumpridas. O conflito existe, mas a rotina vence, mesmo que para mantê-la sacrifique-se o tempo de brincar das crianças, diminuindo-lhes as possibilidades de desenvolvimento da criatividade e da autonomia, contrariando assim aos referenciais curriculares (BRASIL, 1998) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010). Por que isto ocorre?

Uma possível explicação vem da origem destas instituições infantis, as creches foram criadas para dar assistência e cuidado a crianças cujos pais precisavam trabalhar (BARBOSA, 2000). Tanto é que outros estudos (TOLOCKA, 2009; FARIA *et al.*, 2010, BARBOSA, SILVA, 2010; SILVA, BARBOSA, 2012) mostram que na rotina destes pequeninos predominam atividades de alimentação, higiene e sono e os professores realizam essas tarefas em detrimento de ações pedagógicas, pois em boa parte das salas não há monitores que auxiliem levando as crianças ao banheiro ou dando banho e o horário de sono é obrigatório, como ilustram os seguintes relatos:

P6 Eu dou banho nos 15 alunos sozinha, todos os dias.

P31 Na minha sala são 14 alunos, eu tenho que dar banho em sete e trocar fraldas. Para dar banho em sete leva em torno de uma a uma hora e meia.

O cuidado inclui também cumprir o tempo destinado para as crianças dormirem, que tem que ser mantido mesmo que as crianças não estejam com sono, como relatam:

P1 - As vezes a criança não está com sono, as vezes a criança dorme 15h em sua casa, e a gente tem que fazê-lo dormir, é muito estressante para a criança pois ela fica 1:30h naquela situação (sem sono tendo que dormir), eu particularmente não consegui mudar isso ainda, pois não tem espaço e aceitação de outros profissionais.

P5 o sono é o momento para eles descansarem, mas se eles não estão cansados, eu posso fazer outra coisa? Nem sempre, poderia estar levando para sala, só que tenho dez alunos dormindo e 16 acordados”, “se eu fizer uma atividade, quando for 16:00h todos estarão dormindo na mesa do refeitório, porque estarão com sono e cansados.

Assim, ao invés de brincar as crianças tem que permanecer quietinhas, deitadas quase sem se mexer para não acordar outras crianças, como também mostrou o estudo de Horita (2005), o que está em desacordo à proposta do Referencial Curricular (1998) na qual se indica para as crianças que não querem dormir, devem ser oferecidas brincadeiras com materiais e ambiente adequado.

Além disto, a necessidade de sono depende de diferentes fatores, entre os quais a idade, enquanto bebês e crianças novas tem o padrão temporal do CVS (Ciclo Vigília Sono) pouco estável, necessitando de mais horas de sono durante o dia, com o crescimento ocorre maior sincronização dos ciclos ambientais, a criança passa a ter maior tempo de sono ininterrupto à noite, diminuindo gradativamente a necessidade de dormir a tarde, como explicam Piqueira; Benedito-Silva (1998). Assim, manter crianças que não estão com sono, deitadas em silêncio, é uma rotina que precisa ser revista urgentemente por aqueles que a praticam.

Mas não é só de atividades de cuidado e higiene que a rotina é composta, houve depoimentos também sobre o excesso de burocracia e preenchimento de papeis, que diminuem ainda mais o tempo que poderia ser utilizado para brincar:

P32: Temos datas e muitas cobranças para entregar planejamentos, além disso, você tem que olhar o caderno das crianças pra ver se tem recado, aí você olha aquele monte de cadernos...

P37: Você tem que escrever tanta coisa que você não tem tempo pra mais nada.

Os depoimentos das professoras corroboram com os achados de Barbosa (2000) para quem um dos elementos que contribui para a pouca movimentação das crianças na Educação Infantil é a rotina, que é vista como um elemento organizador das atividades escolares. A imposição e o exagero das atividades rotineiras impedem a plena exploração do meio ambiente pelas crianças, roubando-lhes espaço e tempo para brincar, enquanto muitos pais afirmam que colocaram as crianças nas “escolinhas” para elas brincarem com outras crianças!

Além disto, outros prejuízos são decorrentes da falta de oportunidades para brincar, principalmente do brincar em movimento, como também alertaram Guirra e Prodócimo (2010) ao apontarem a pobreza de atividades que estimulem o movimento

nas instituições infantis. Entre eles estão: riscos para desenvolvimento motor (atraso), crescimento físico alterado, sedentarismo, obesidade, doenças cardíacas e respiratórias (PETROSKI, SOARES, 2003; OKELY *et al.*, 2004, BERLEZE, HAEFFNER, VALENTINI, 2007; 2008; HORITA *et al.* 2008; IZA, MELLO, 2009 e SIMON *et al.* (2009). Urge que sejam feitas mudanças para que as crianças possam se movimentar!

Outra explicação para a falta de oportunidades dadas as crianças para brincar, pode ser encontrada no estudo de Azevedo (2011) que ao analisar concepções de professoras que atuam com crianças entre zero e quatro anos constatou que estas não desenvolvem a atividade infantil do brincar como uma atividade prioritária, provavelmente por terem pouco conhecimento acadêmico específico para essa faixa etária.

Mas outra possível explicação é que ainda não se leva a sério a necessidade e o direito que criança tem de brincar e este direito sucumbe ante a imposição de produtividade. Em uma sociedade em que a educação é medida por *rankings*, camufla-se o conhecimento e o saber e a lógica de mercado atinge as crianças prejudicando seu pleno desenvolvimento, pois o que se busca na prática é a eficiência do futuro trabalhador que a criança virá a tornar-se, como explicitam Schwab *et al.* (2010) ao apontarem que tanto a qualidade quanto a quantidade da educação básica que uma população recebe são importantes para a economia porque a educação básica aumenta a eficiência de cada trabalhador individual.

Desta forma, enquanto a preocupação de educadores e de movimentos sociais para minorar as diferenças sociais e erradicar a miséria no mundo incentivam à educação formal e ampliam o período de participação na escola, rotinas impostas por

interesses econômicos sabotam as possibilidades de brincar e dificultam o pleno desenvolvimento infantil.

Diálogo Prático: Realização de Atividades Reunindo Pesquisadores, Professores e Crianças

As atividades práticas de jogos e brincadeiras com as crianças foram realizadas na escola, em local escolhido pela professora regente da classe com a participação de outras professoras participantes do estudo e dos pesquisadores, que alternavam-se na liderança das atividades junto as crianças. A professora regente explicava que tinha trazido “amiguinhos novos” para brincar com elas e iniciava uma brincadeira.

Bebês até dois anos foram estimulados a explorar o espaço e a realizar movimentos apropriados à idade com materiais tais como sino, bola, pontinhos de encaixe, argola, etc [...]. Que ficaram dispostos no ambiente para que as crianças pudessem escolher o brinquedo que lhes fossem mais atraentes. Foram também levados experimentar diferentes estímulos sensoriais (tato, propriocepção, audição, visão e olfato), sendo colocados em solos com materiais de diferentes textura e cores, com brinquedos alternativos e seguros em diferentes formatos, texturas e cores, bem como a reagirem a sons de instrumentos de percussão ou músicas gravadas.

Com crianças entre dois e três anos de idade foram feitas atividades tais como: imaginar um zoológico, imitar os animais que vivem nele escolhendo movimentos e sons que iriam realizar; passar por cima de uma “ponte” feita de jornais, escolhendo movimentos a serem realizados: saltar, agachar, rastejar, etc...); confecção e manipulação (arremessos e chutes) de bolas feitas com jornal a partir de estímulos dados pelo instrutor, conforme as possibilidades motoras do grupo; dirigir uma “moto”

cuja direção era imaginada a partir de pratinhos de papelão, em diferentes ritmos e direções; lançamento e perseguição de “aviões” onde as crianças eram estimuladas a lançar “pratinhos de papelão” para qualquer direção e ir busca-los imitando um avião; imitar o saci brincando com fitas (saltar, balançar, girar ou equilibrar-se em uma perna, manipulando fitas feitas com TNT), dentre outras.

Crianças acima de três anos: construção e vivência de jogos a partir de jornais e garrafas PET, ex: boliche (bolas feitas por eles com jornais amassados e pinos com garrafas pet), futebol de trios (bola com os jornais, garrafas PET como traves do gol), duelos (jornais = espadas), estimulando a criança a achar novas utilizações para o material e a vivenciar diferentes jogos; vivência de diferentes papéis sociais utilizando-se tecido de TNT em atividades, lembrando personagens de histórias infantis em movimentos diferenciados, produção de sons com a boca e com o corpo, podendo bater as palmas e os pés associando os sons a movimentos sugeridos por elas mesmas, imitação de animais se movimentando ao som de música e posteriormente adivinhando o animal imitado por outras crianças, produção de sons, ritmos e movimentos com instrumentos feitos com material alternativo, dentre outras.

Logo após cada sessão para oferecer oportunidades de brincar às crianças, ocorria um debate sobre a mesma, entre professoras e pesquisadores. As professoras destacaram o cuidado necessário para com os materiais empregados, principalmente com as crianças menores, dado que estas os levam constantemente a boca; embora as crianças participaram ativamente das atividades sem fugas para outros ambientes, as professoras afirmaram que nem sempre é assim e debateram como conciliar a liberdade de escolha para as atividades com desordens que jogos e brincadeiras possam vir a acarretar, concluindo que o uso de regras construídas com as crianças durante os jogos

pode ser bastante efetivo, pois ajuda a controlar a situação e inibir a agitação da turma, auxiliando no processo de aquisição de comportamentos sociais esperados.

Isto vem de encontro ao que disseram Leontiev (1994); Brougère e Wajskop (1997), Elkonin (1998), Isidro e Almeida (2003), Cordazzo e Vieira (2007) pois eles afirmam que brincar leva a relações entre pares, a reprodução e criação de vivências e seus processos naturais, a reafirmação de práticas culturais, favorece experiências criativas, a descoberta pessoal e do outro, levando ao desenvolvimento da identidade e alteridade.

Colocando Crianças de Faixas Etárias Diferentes para Brincar Juntas

Para possibilitar a vivência de atividades conjuntas com crianças de diferentes idades, o evento foi organizado de forma a possibilitar que as crianças de uma determinada escola pudessem realizar atividades com outros coleguinhas que não os de sua própria classe. Foram feitos dois grupos, o primeiro com crianças de até três anos de idade e o segundo com crianças entre três e seis anos incompletos.

Crianças menores que três anos realizaram atividades em uma sala com ambiente previamente estruturado com plástico bolhas no solo e música ambiente, as crianças deslocavam-se livremente experimentando o material e os professores favoreciam o movimento de dançar e movimentar o corpo, principalmente os pés.

As atividades para crianças a partir de três anos foram realizadas em quatro estações, em ambos os períodos, sendo que a primeira intitulada Cinestesia/Sensações ocorreu em uma sala de aula em que sobre o chão haviam tapetes de EVA, plásticos bolha, colchonetes, tecidos e materiais de diferentes texturas como grãos e algodão. Os professores conduziram as crianças a se movimentar pelo espaço estimulando

movimentos de deslocamentos (andar, engatinhar, rolar) sendo que o contato com as diferentes superfícies traziam oscilações de estabilidade e sensibilidade. Estas atividades visavam o reconhecimento do próprio corpo, estímulo aos canais sensitivos e exploração de movimentos.

A segunda estação trabalhou brincadeiras com ritmo e instrumentos de percussão, em dois momentos, o primeiro com a brincadeira de estátua, com diferentes ritmos e velocidades musicais no qual os pesquisadores iniciavam as atividades que eram depois dirigidas por professoras participantes do programa, com o apoio dos pesquisadores.

A terceira estação foi denominada de Contação de histórias, na qual uma das pesquisadoras encenou a “A boneca Emília”, personagem do sítio do Pica Pau Amarelo, que contava para as crianças a seguinte história: “Tia Anastácia estava costurando a boneca de pano Emília e precisou parar para fazer um bolo para Narizinho, quando ela voltou as partes do corpo da Emília haviam desaparecido! Vamos ajudar a encontrar?”

Após a contação da história era necessário a participação das crianças para encontrar as partes do corpo (desenhados cartolina, recortadas e espalhadas previamente) escondidos pelo local. Após o reconhecimento e nomeação das partes encontradas as crianças eram incentivadas a procurar movimentos possíveis de serem realizados com as partes do corpo da boneca e de seu próprio corpo, dentro do ritmo de uma música.

A quarta estação denominada de obstáculos se desenvolvia ao som de forró, as crianças foram incentivadas a ultrapassar os obstáculos em diferentes maneiras no ritmo

de uma música, alternando-se movimentos a serem imitados/sugeridos pela própria criança.

Após o evento as professoras se reuniram com os pesquisadores e avaliaram as atividades feitas. Relataram que as atividades proporcionaram que as crianças realizassem movimentos diversos, favorecendo a socialização de diferentes faixas etárias, profissionais e pesquisadores, o que confirma as afirmações feitas por Braccialli, Manzini e Reganhan (2004) e Ribeiro *et al.* (2015) de que brincadeiras que explorem motricidade e sensações e sejam realizadas em grupo, permitem a inter-relação, socialização e desenvolvimento destes aspectos.

As professoras relataram que as crianças na escola tem poucas oportunidades de relacionar-se com as crianças de outras faixas etárias e que a possibilidade vivenciada neste evento mostrou que as crianças conseguem se organizar e divertir-se em faixas etárias diferentes. A divisão das classes por idade além de desconsiderar que o desenvolvimento não ocorre de forma linear, impede que as crianças tenham contato com crianças de diferentes idades e aprendam com elas.

As professoras falaram também das diferentes possibilidades de movimento que as crianças tiveram as quais, segundo Gallahue e Ozmun (2003), são necessárias para o desenvolvimento motor infantil, mas reconheceram que a maioria das experiências das crianças na escola são ligadas as atividades manipulativas de recortar, pintar, rabiscar. Isto também foi observado no estudo de Coelho *et al.* (2012) que conclui que nesta etapa de ensino tem-se valorizado exageradamente as habilidades finas, esquecendo-se da motricidade global.

Mas as professoras ressaltaram que a realização de atividades com crianças de diferentes faixas etárias é inviabilizada na escola pelo modelo adotado de distribuição

de classes por idade cronológica e que mesmo nas oportunidades de brincar as crianças ficam separadas, sendo que os espaços reservados para isto são particulares a cada classe, seja porque utilizam de materiais que ficam dentro da própria sala, ou porque utilizam os espaços comuns em horários diferentes.

Assim, verifica-se que o brincar que ocorria naturalmente nos ambientes fora da escola, entre crianças da vizinhança com diferentes faixas etárias, permitindo que as mesmas tivessem sua própria organização da brincadeira, foi substituído pelo brincar dirigido por adultos. Isto tolhe possibilidades de criação e desenvolvimento de organização e regras, impede também o convívio entre idades diferentes, empobrece os ambiente e limita a aprendizagem de vencer desafios postos quando as crianças podem escolher as atividades e tem que lidar com diferentes níveis de complexidade, advindos das diferentes faixas etárias.

Se for considerado também que na sociedade atual as possibilidades de brincar na rua e outros espaços públicos, onde se reuniam crianças de diferentes idades, está cada vez menos frequente, devido por exemplo ao aumento de tráfego de veículos e violência nas ruas e que tem ocorrido diminuição do número de crianças em cada casa, vê-se que deve ser repensada a formação dos grupos nas escolas, ou ao menos incentivada atividades que permitam e estimulem contato entre as crianças de diferentes idades.

Apresentação de Painéis sobre Implementação de Jogos e Brincadeiras nas Aulas da Escola Infantil

No último encontro as professoras apresentaram painéis com relatos de atividades de jogos e brincadeiras realizadas por elas nas suas escolas. Nos painéis

foram encontradas: descrição das atividades aplicadas e fotos da sua prática que permitiram a identificação das seguintes atividades: movimentar o corpo livremente através da música passando por um túnel; construção de brinquedos utilizando papelão; brincadeira utilizando jornal; criação de brinquedos a partir de sucata; atividades com bola, caixa de papelão e jornais; atividades com cordas e bolinhas; confecção de bolinha de jornal, arremesso; pega pega com música; jogos cooperativos com bambolê; tapete voador com jornais; brincadeira com bexiga; atividades rítmicas com materiais alternativos; confecção de aviões de papel; brincadeira da galinha e pintinhos; bolinha de sabão; boca do palhaço; brincar com bambolê e atividade de imitação de animais.

Nos painéis foram relatadas atividades com predomínio em manipulação, duas atividades rítmicas e expressivas, duas com uso de regras, três com representação de papéis sociais e dez com predomínio de locomoção e equilíbrio envolvendo algum objeto.

As profissionais se revezaram em dois grupos, para expor e para visitar a exposição de suas colegas, discutindo com elas o que foi realizado. Após a exposição, foi realizado o fechamento do evento, onde as profissionais relataram que a introdução de jogos e brincadeiras enriqueceu as aulas, modificando a rotina, embora esta ainda não pode ser mudada por ser exigida por órgãos superiores, as professoras fizeram apelos para que fossem promovidos debates com órgãos gestores para que as mudanças possam ocorrer e as crianças possam ter tempo para brincar na escola.

Considerações Finais

Brincar na escola infantil é atividade escassa e utilizada com fins utilitaristas. A razão citada para esta escassez é a rotina imposta por órgãos superiores que ainda

privilegia atividades de alimentação, higiene e sono em detrimento de atividades pedagógicas. Porém isto pode estar ocorrendo também porque o sentido de brincar para a criança ainda está embotado e sucumbe ante o modelo neoliberal de produtividade que atinge até mesmo escolas que tratam de crianças na mais tenra idade.

As poucas oportunidades de brincar que as crianças tem ocorrem em espaços restritos, são na maioria das vezes totalmente dirigidas por um adulto e acontecem entre crianças da mesma idade.

O programa oferecido possibilitou debates e vivências práticas as quais foram realizadas tanto com as crianças nas classes organizadas pela escola, nas diferentes idades, quanto em grupos formados por crianças de diferentes classes/idade. As atividades práticas realizadas mostraram que a mudança na rotina da instituição de ensino infantil é algo viável e que pode trazer contribuições significativas para a criança, dentre elas a inserção de atividades do contexto cultural infantil, possibilidades de exploração de movimentos e de inter relações pessoais entre crianças de diferentes faixas etárias.

O programa possibilitou a interação entre as profissionais destas escolas e a equipe de pesquisadores e indicou a necessidade de cursos, debates e ações para inserção de jogos e brincadeiras na escola, considerando-se a brincadeira tanto como um fim em si mesma, quanto como um meio pedagógico para auxiliar no desenvolvimento integral da criança.

Embora o diálogo tenha sido profícuo verificou-se que para além da necessidade de formação continuada para a atuação neste nível de ensino são necessárias alterações na política pública de maneira a permitir mudanças na rotina pré-estabelecida nestas instituições, para que haja tempo e espaço para brincar e para que a criança seja vista

enquanto um ser em desenvolvimento, que precisa, além de cuidados de higiene e alimentação, que lhe sejam oferecidas experiências favoráveis ao seu desenvolvimento.

O estudo mostrou que o diálogo entre professores do ensino infantil, a vivência conjunta de experiências entre especialistas de movimento, pedagogos e crianças pode enriquecer a oferta de jogos e brincadeiras nas escolas.

REFERÊNCIAS

Azevedo, E. L. **Prática docente dos professores de educação infantil em Jaboatão dos Guararapes-PE**. Mestrado em Ciências da Educação. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2011, 126f.

BARBOSA, M. C. S. **Por amor & por força: rotinas na Educação Infantil**. 2000. 283f. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

BARBOSA, E. M. ; SILVA, J. C. O Perfil das Práticas Educativas Desenvolvidas com as Crianças de Quatro Anos. **Revista Educação e Cidadania**, v. 9, p. 81 -90, 2010.

BENJAMIN, W. **Reflexões: A criança o brinquedo e a educação**, São Paulo: Summus, 1984, 117p.

BERLEZE, A; HAEFFNER, L. S. B.; VALENTINI, N.C. Desempenho motor de crianças obesas: uma investigação do processo e produto de habilidades motoras fundamentais. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**. v.9, n.2, p.134-144, 2007.

BISCEGLI, T. S. *et al.* Avaliação do estado nutricional e do desenvolvimento neuropsicomotor em crianças frequentadoras de creches. **Revista Paulista Pediatria**. v. 4, n. 25, p. 337-342, 2007.

BÓGUS, C. M. *et al.* Cuidados oferecidos pelas creches: percepções de mães e educadoras. **Revista de Nutrição**. v. 20, n.5, p. 499-514, 2007.

BRACCIALLI, L. M. P.; MANZINI, E. J.; REGANHAN, W. G. Contribuição de um programa de jogos e brincadeiras adaptados para a estimulação de habilidades motoras em alunos com deficiência física. **Temas sobre Desenvolvimento**, São Paulo, v. 13, n. 77, p. 37- 46, nov./dez. 2004.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>> Acesso em 20 jan 2016.

_____. Ministério da Educação e do Desporto/ Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília-DF: MEC/SEF. v.3, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**, 2010. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BROUGÈRE, G.; WAJSKOP, G. **Brinquedo e cultura**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997, 110p.

BROLLO, A. L.; TOLOCKA, R. E. Jogos e brincadeiras em uma instituição de ensino infantil: uma abordagem bioecológica. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desenvolvimento Humano**. v.12, n. 2, p. 140-147, 2010.

COELHO, V. A.C. *et al.* Atividades do cotidiano infantil em uma cidade do interior paulista e suas relações com o brincar. **Licere**. v.15, n.4, p.1-17, 2012.

COONEY, M.H. Is play important? Guatemalan kindergartners classroom experiences and their parent's and teacher's perceptions of learning through play. **Journal of Research in Childhood Education**. v.18, n.4, p. 261-277, 2004.

CORDAZZO, S. T. D.; VIEIRA, M. L. A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, v. 7, n. 1, p. 92-104, abr. 2007.

ELKONIN, D. B. **Psicologia do jogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FARIA, M. C. M. *et al.* Atividades motoras cotidianas e suas influências no desenvolvimento de pré-escolares. **Movimento**. Porto Alegre, v.16, n. 01, p. 113-130, jan/mar. 2010.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: Bebês, Crianças, Adolescentes e Adultos**. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2003.

GIMENEZ, R; UGRINOWITSCH, H. Iniciação esportiva para crianças de segunda infância. **Revista Consciente e Saúde**, v.1, n. 1, p. 53-60, 2002.

GOMES, C.L. Lúdico. In: GOMES, C.L (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GUIRRA, F.J.S.; PRODÓCIMO, E. Trabalho corporal na educação infantil: afinal, quem deve realizá-lo? **Revista Motriz**. Rio Claro, v.16, n. 3 p.708-713, 2010.

HORITA, K. Y. *et al.* Brincar em Instituições de Ensino Infantil. ENAREL - ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 20. **Anais...** São Paulo: v. 1, p. 1-10, 2008.

HORITA, K. Y. **Avaliação da Interação da criança com o meio: uma proposta de estudo baseada na teoria bioecológica do desenvolvimento humano**. Graduação em Fisioterapia. Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba/SP, 2005, 75f.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. São Paulo Perspectiva, 1938, 243p.

ISIDRO, A.; ALMEIDA, A. T. M. Projeto Educar para a convivência social: O jogo no currículo escolar. **Cadernos encontro: O museu a escola e a comunidade**. Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, Braga, 2003.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia Econômica)- **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**, 2012. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2012/default_sintese.shtm. Acesso em: 05 de maio de 2015.

IZA, D. F. V.; MELLO, Maria Aparecida. quietas e caladas: as atividades de movimento com as crianças na Educação Infantil. **Educação em Revista**. Belo Horizonte: v.25, n.2, p.283-302, 2009.

KISHIMOTO, T.M. A LDB e as instituições de educação infantil: desafios e perspectivas. **Revista Paulista de Educação Física** v. 4; p. 7-14, 2001a.

_____. Brinquedos e materiais pedagógicos nas escolas infantis. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.27, n.2, p.229-245, 2001b.

KISHIMOTO, T.M. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. São Paulo: Cortez, 1999.

LEONTIEV, A. N. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: Vygotsky, L. S.; L, A. R.; LEONTIEV, A. N. (Org.). **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Moraes, 1994.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E.M. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MINAYO, M. C.S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2010.

OKELY, A D. *et al.* Relationships between body composition and fundamental movement skills among children and adolescents. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 75, n. 3, p. 238-247, 2004.

OLIVEIRA, C.B. **Exposição de crianças frequentadoras de Instituições de Ensino Infantil à fatores de risco**. Dissertação (Mestrado) - Educação Física - Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba/SP, 2014, 82f.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Declaração dos direitos da criança**, 1959. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Crian%C3%A7a/declaracao-dos-direitos-da-crianca.html>. Acesso em: 5 mai.2015.

PASDIORA, L. O.; HORT, I.C. A criança e o brincar. **Revista Leonardo Pós**. v.2, n.8, p.121-125, 2006.

PIMENTEL, R.M.L.; PIMENTEL, G.G.G. Discurso do lúdico nos discursos sobre o lúdico. **Forma funcion, Santaf, de Bogot, D.C.** v.22, n.1, p.161-179, Jun, 2009.

PIQUEIRA, J. R. C.; BENEDITO-SILVA, A. A. B. Auto-Organização e Complexidade: o problema do desenvolvimento do ciclo vigília-sono. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 12, n. 33, p.197-212, 1998.

PETROSKI, E. L.; SOARES, L. D. Prevalência, fatores etiológicos e tratamento da obesidade infantil. **Rev. Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano.** v. 5, n.1, p. 63-74, 2003.

PRODÓCIMO, E.; NAVARRO, M.S. Reflexões sobre o brincar. **La Revista Iberoamericana de Educacion**, Espanha, n. 47, v. 4, p. 1-10, 2008.

Riberio, D.R.S. **A importância do lúdico no desenvolvimento da criança.** Graduação em Educação Física. Centro Universitário de Brasília, 2015. Disponível em: <https://hdl.handle.net/235/6798>. Acesso em: 20 Jan. 2016.

SAI, T.G.; De MARCO, A. Construindo brinquedos na educação infantil: uma experiência com a teoria ecológica do desenvolvimento humano. **Conexões**, Campinas, v. 6, n. especial, p. 331-343, jul. 2008.

SCHWAB, K. **The Global Competitiveness Report.** 2010–2011. World Economic Forum . Centre for Global Competitiveness and Performance. Geneva, 2010. Disponível em: https://www3.weforum.org/docs/WEF_GlobalCompetitivenessReport_2010-11.pdf. Acesso em: 30 abril 2015.

SILVA, J. C.; BARBOSA, E. M. O ensino e a educação infantil: reflexões a partir das práticas educativas realizadas com crianças menores de quatro anos. In: CONGRESO DE ULAPSI, 4, Montevideo. **Material de Difusión** - Construyendo la identidad latinoamericana de la Psicología, v. 1, p. 1 -8, 2012.

SILVA, J. V. P.; TOLOCKA, R.E.; MARCELLINO, N. C. Lazer infantil: direitos legais, transformações sociais e implicações ao crescimento e habilidades motoras básicas. **Revista Licere**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1 p. 81-96, 2006.

SIMON, V.G. N., *et al.* Prevalência de sobrepeso e obesidade em crianças de dois a seis anos matriculadas em escolas particulares no município de São Paulo. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano.** v.19, n.2, pp. 211-218, 2009.

TOLOCKA, R. E. *et al.* Como brincar pode auxiliar no desenvolvimento de crianças pré-escolares. **Revista Licere**, v.12,n.1,abr/2009.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005.

UNICEF. FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. **Convenção sobre os Direitos da Criança.** 1989. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10120.htm Acesso em: 5 mai. 2015.

Rute Estanislava Tolocka, Mateus Aparecido Stahl,
Camila Bruzasco de Oliveira, Barbara Detoni Borba Blanco,
Marina Donato Crepaldi e Vitor Antonio Cerignoni Coelho

Vamos Brincar na “Escolinha”?

Endereço dos Autores:

Rute Estanislava Tolocka
Universidade Metodista de Piracicaba - Campus Taquaral
Setor de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano
Rodovia do Açúcar, Km 156, s/n - Taquaral, Bloco 7
Piracicaba – SP – 13.423-170
Endereço Eletrônico: tkiva05@yahoo.com.br

Mateus Aparecido Stahl
Rua Fonte Almeida Salles, 277; Jardim Porangaba
Águas de São Pedro – SP – 13.525-000
Endereço Eletrônico: mastahl@unimep.br

Camila Bruzasco de Oliveira
Rua Guerino Trevisan, 423, Nova Piracicaba
Piracicaba – SP – 13.405-037
Endereço Eletrônico: camilabruzasco@hotmail.com

Barbara Detoni Borba Blanco
Rua Luiz Rasera, 1309. B. Jd. Elite,
Piracicaba – SP – 13.417-530
Endereço Eletrônico: barbara.borba@yahoo.com.br

Marina Donato Crepaldi
Avenida Marginal, 301 casa 15 B - Condomínio Club Home
Rio Claro – SP – 13.503-900
Endereço Eletrônico: corpo_expressao@hotmail.com

Vitor Antonio Cerignoni Coelho
Av Carlos Martins Sodero 266 apto 54 vila independência
Piracicaba – SP – 13.418-385
Endereço Eletrônico: vaccoelho@uft.edu.br